

# Moradores de Brazlândia enfrentam polícia

Jorge Cardoso



Aflitos com a chegada dos 40 policiais, os invasores da Vila São José se deram as mãos. O comandante militar decidiu adiar a derrubada dos 300 barracos

DR-JM/AV/DR  
Cristina Ávila  
Da equipe do Correio

Cerca de 300 barracos devem ser derrubados hoje na expansão da Vila São José, em Brazlândia. A operação seria realizada ontem, mas foi suspensa porque a Polícia Militar considerou que estava com poucos homens. A PM chegou ao local armada com metralhadoras, espingardas, cassetetes e quase 40 soldados. Mais de 200 pessoas de mãos dadas formaram uma barricada humana, a alguns passos dos policiais.

Segundo o comandante do policiamento, tenente Alencar, a ordem era derrubar os barracos e recolher todo o material. Eles chegaram ao local às 14h e saíram por volta das 15h. "A maioria são barracos descartáveis, feitos de madeira bem frágil, para que possam ser retirados a qualquer momento. Predomina a lona."

Logo depois de falar com o Correio, o tenente saiu para atender a um telefonema. Em seguida mandou os policiais e as máquinas escavadeiras recuarem. O chefe de gabinete da Administração Regional de Brazlândia, Rogério Nascimento, admitiu que a operação foi suspensa "pois o efetivo era pequeno".

Há cerca de 10 dias foi criada a Associação dos Sem-Teto de Brazlândia. O presidente, José Aparecido Soares Silva, disse que a entidade extinguiu a Comissão de Negociação da Vila Senador Caxias, co-

mo estava sendo chamado o local. Segundo ele, com a associação, várias pessoas foram afastadas das negociações.

José Aparecido disse que foi surpreendido pela operação policial que acabou não sendo realizada. "Estávamos aguardando até amanhã (hoje) a resposta de determinadas autoridades de Brazlândia. Temos um acordo com determinadas pessoas." Segundo ele, os invasores estão há 120 dias no local e essa seria a quinta retirada de barracos nesse período.

Aparecido não quis esclarecer quem são essas determinadas pessoas, mas afirmou que estariam hoje em reunião com o governo. E que desse encontro deveria sair a resposta a respeito do destino das terras da expansão da Vila São José.

Segundo o chefe de gabinete da Administração Regional de Brazlândia, no mesmo momento em que a derrubada começaria, o administrador Jamil dos Santos estava em reunião convocada pela vice-governadora Arlete Sampaio. O encontro aconteceu no Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (Idhab). Rogério Nascimento disse que a expansão da Vila São José estava na pauta dos debates.

No local onde os barracos seriam derrubados, não existem construções, mas apenas moradias improvisadas. As invasões estão sendo combatidas porque ameaçam nascentes do rio Descoberto.

## Mais de 500 famílias vivem no local

A derrubada de barracos na expansão da Vila São José acabou não acontecendo, mas os moradores ficaram tensos. A presença da polícia com armas de fogo deixou os nervos à flor da pele.

Em meio ao tumulto, protegida do sol quente por uma sombrinha e amparada por mulheres, Alice Maria da Silva, 72 anos, chorava. Trêmula, a velhinha dizia que estava com medo de ser surrada pelos policiais. "Acho que foi a minha pressão que subiu. É nervoso, ataca tudo de uma vez", explicava.

Alice afirma que está morando no local há quase três meses. Dormindo e cozinhando

em baixo de um barraco de lona. "Tô morando em baixo dos paus. Eu vou enfrentar. Preciso ganhar", insistia. A mulher mostrava o joelho há um ano com problemas. "Quase ia caindo, a mulher me segurou".

O rosto dos invasores não esconde a pobreza em que vivem, a necessidade de morar em algum lugar. Mas eles mesmos admitem que convivem com os especuladores de terras e de votos.

O próprio presidente da Associação dos Sem-Teto de Brazlândia, José Aparecido Silva, calcula que 550 famílias estejam morando no local, mas cerca de 300 sejam "carentes".

José Aparecido afirma que

eles têm um acordo "com autoridades de Brazlândia" de fazer um levantamento para saber quem realmente precisa da terra para morar.

"Aqui tem gente que não precisa, mas tem gente que precisa muito mais. Tem gente que largou o aluguel para vir lutar. Eu garanto que eu ganho um pedaço de chão", grita Glaucia Patrícia dos Santos, 24 anos. Ela diz que mora há 17 anos em Brasília e nunca teve "nada".

Milton Cassimiro dos Santos faz coro com Glaucia: "Estou quatro meses morando aqui. Com um filho de 28 dias. Não tenho para onde ir".